



**AUDIOWALKS, VIDEOWALKS:
AS VOZES DE JANET CARDIFF NA GERAÇÃO DE ESPAÇOS E PERCURSOS
SONOROS**

**AUDIOWALKS, VIDEOWALKS:
LAS VOCES DE JANET CARDIFF EN LA GENERACIÓN DE ESPACIOS Y
RECORRIDOS SONOROS**

**AUDIOWALKS, VIDEOWALKS:
JANET CARDIFF'S VOICES IN THE GENERATION OF SOUND SPACES AND
WALKS**

Wânia Mara Agostini Storolli¹

<https://orcid.org/0000-0002-4828-9654>

RESUMO

Partindo da apreciação do *audiowalk* *The Missing Voice (Case B)* e do *videowalk* *Alter Bahnhof* desenvolvidos pela artista canadense Janet Cardiff em parceria com George Bures Miller, este artigo relata sobre as características destas formas, com foco nas relações entre voz, espaço e tecnologia. As vozes de Cardiff, suas narrativas e a sobreposição de sonoridades gravadas com as que ocorrem no percurso geram novas percepções destes espaços, entrelaçando o real e o virtual.

Palavras-Chave: *Audiowalk*, *Videowalk*, Janet Cardiff, Voz, Mídias.

RESUMEN

A partir de la audioguía "La Voz Perdida" (Caso B) y la videoguía "Alter Bahnhof", desarrolladas por la artista canadiense Janet Cardiff en colaboración con George Bures Miller, este artículo analiza las características de estas formas, centrándose en las relaciones entre la voz, el espacio y la tecnología. Las voces de Cardiff, sus narrativas y la superposición de sonidos grabados con los que se escuchan a lo largo del camino generan nuevas percepciones de estos espacios, entrelazando lo real y lo virtual.

Palabras clave: *Audioguía*, *Videoguía*, Janet Cardiff, Voz, Medios.

Palabras clave: *Audioguía*, *Videoguía*, Janet Cardiff, Voz, Medios.

¹ Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho". Professora Assistente Doutora. Pesquisadora da área de Voz e Performance e docente nos cursos de Graduação em Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP. Líder do Grupo de Pesquisa Vozes Performáticas (CNPq).

ABSTRACT

Based on the appreciation of the audiowalk *The Missing Voice* (Case B) and the videowalk *Alter Bahnhof* developed by Canadian artist Janet Cardiff in partnership with George Bures Miller, this article reports on the characteristics of these forms, focusing on the relationships between voice, space and technology. Cardiff's voices, their narratives and the overlapping of recorded sounds with those occurring along the walk generate new perceptions of these spaces, intertwining the real and the virtual.

Keywords: *Audiowalk*, *Videowalk*, Janet Cardiff, Voice, Media.

Introdução

Andar à deriva, flunar, olhos e ouvidos abertos, caminhar por um determinado espaço, sem destino pré-determinado, sem outro objetivo a não ser conhecer e perceber os espaços deste percurso, movimentos e sons. Como estrangeira nos espaços urbanos, a impressão do não pertencimento, da possibilidade de olhar e ouvir sob a perspectiva de alguém de fora. Ouvir as vozes, as sonoridades, as línguas, os fragmentos de relatos em timbres e intensidades diversas, formas de apreender os espaços urbanos, perceber os habitantes, a arquitetura e como essas vozes ali se fazem presentes, ecoam, reverberam. Em minha trajetória pessoal, caminhar à deriva para conhecer espaços, o que os compõe e o que por eles transita, tem sido uma estratégia frequente, que estimula o registro e a captação dos sons, das imagens, do desenho das vozes nestas paisagens – ações que podem integrar posteriormente processos criativos. Assim, no ano de 2012, em estadia em New York para desenvolver parte de um projeto de pesquisa sobre voz que enfocava a relação desta com as mídias,² a percepção e o registro das vozes e sonoridades nos diversos espaços da cidade mostrou-se como muito instigante, indicando possíveis desdobramentos futuros. Essa experiência foi determinante para uma aproximação com a forma dos *audiowalks*. Neste período, ao focar em meus estudos linguagens híbridas e processos artísticos contemporâneos que trabalhavam com a voz e sua relação com a tecnologia e especificamente com as novas mídias, me deparei com a obra de Janet Cardiff. Primeiramente, o contato se deu com a instalação sonora *The Forty Part Motet*. Criada pela artista canadense em 2001, a obra obteve grande destaque internacional e percorreu diversos países e, em 2006, esteve sediada no MoMA - *Museum of Modern Art* de New York, gerando diversas reportagens sobre sua passagem pela cidade de New York. Os relatos sobre esta obra provocaram um forte interesse na produção desta artista e a investigação seguiu com a possibilidade de acesso ao seu *audiowalk The Missing Voice (Case Study B)*, disponível na Biblioteca da New York University.

² Pesquisa realizada com apoio da FAPESP.

Como uma forma artística o *audiowalk* passou a ser desenvolvido por Janet Cardiff desde o início da década de 90. Segundo relato da própria artista, a potencialidade desta forma foi percebida ao caminhar e gravar simultaneamente sua voz trazendo percepções do momento e do espaço ao redor. Ao ouvir a gravação que havia feito em seu percurso, percebeu a sobreposição de sonoridades – sua voz tecendo narrativas, paisagens sonoras dos espaços percorridos compostas por outras vozes, sons e ruídos, o que se revelou como uma possibilidade para desenvolver uma forma artística independente – o *audiowalk*, da qual Cardiff é uma pioneira. Esta forma propõe ao espectador percorrer um caminho e relacionar-se com o espaço segundo o estímulo sonoro oferecido, como observa Veloso. Do ponto de vista do artista, refere-se a “um percurso sonoro, cabendo a ele a definição do caminho e a proposição de um tipo de contemplação da cidade” (Veloso, 2021, p. 259). Kitty Scott descreve assim a experiência com esta nova forma, o *audiowalk*:

Audiowalks requerem fones de ouvido, um walkman ou um discman, um tape ou cd e um ambiente onde se pode andar. A experiência de visitar a instalação e tomar parte dos *audiowalks* é como dividir as meditações ou pensamentos dos sonhos de outros. Sente-se o efeito da perda, do falso reconhecimento, da incompreensibilidade e da impossibilidade de comunicação em um mundo ostensivamente mediado pela tecnologia (Scott, 1999, p. 4, tradução nossa).³

Trabalhos anteriores de Cardiff desempenharam um importante papel para o desenvolvimento dos *audiowalks*. Segundo Scott, *Whispering Room*, instalação de 1991, “representa a primeira incursão de Cardiff no mundo do som gravado” (Scott, 1999, p. 5 – tradução nossa).⁴ Ali também surgiu a *persona* Cardiff e é onde ela começa a definir uma forma de interagir com os visitantes. Já os experimentos com a tecnologia de gravação binaural aparecem em *Forest Walk* (1991). Outros *audiowalks* produzidos na década de 90 são: *Louisiana Walk* (1996), *Walk Münster* (1997) e *Drogan’s Nightmare* (1998), este ambientado no Pavilhão da Bienal de São Paulo do arquiteto Oscar Niemeyer.

The Missing Voice (Case Study B)

Uma voz que falta, uma voz desaparecida - o *audiowalk The Missing Voice (Case Study B)* foi comissionado pela *Artangel*, organização de Londres, cujas obras comissionadas materializam-se “de forma distinta em uma diferente parte da cidade”, segundo Scott (1999, p. 14, tradução nossa).⁵ Cardiff pode escolher onde iniciar e como desenhar o percurso, movendo-se a partir da quietude de uma biblioteca – a *Whitechapel Library*, para o leste da cidade de Londres, percorrendo ruas ruidosas. Parte como em um guia urbano, parte como em um filme *noir*, a narrativa desenrola-se através das diversas

³ “The audio-walks require headphones, a walkman or a discman, a tape or compact disc and an environment where you can walk. The experience of visiting the installations and taking the audio-walks is like sharing someone else’s meditations or dream-like thoughts. You feel the effects of loss, mis-recognition, incomprehensibility and the impossibility of communication in a world ostensibly mediated by technology.”

⁴ “[...] represents Cardiff’s first major foray into the world of recorded sound.”

⁵ “[...] in a different form in a different part of the city”.

vozes de Cardiff, mixadas com as personagens de vozes masculinas e sonoridades de filmes policiais, ruídos da cidade e vozes dos transeuntes.⁶

A narrativa aparece nesta peça pela proposta de Cardiff de contar uma história com uma qualidade cinematográfica, tal qual “um gênero híbrido derivado da ficção científica popular, mistérios de assassinatos, suspenses e filmes *noir*” (Scott, 1999, p. 4, tradução nossa)⁷, nos remetendo a um universo ficcional que ora nos coloca como cúmplices no meio das ações de uma narrativa que sugere sermos parte de um filme policial ou como *voyeurs* e ora nos lembra de que se trata de uma gravação, em um procedimento de distanciamento que não nos deixa esquecer de que estamos ouvindo uma história através de um dispositivo. Uma dramaturgia surge através das diversas vozes, realizada através do entrelaçamento entre os recursos vocais e a tecnologia. Assim Cardiff descreve o processo de criação deste *audiowalk*:

Parte de meu processo para esta peça foi andar ao redor e tomar notas em meu mini-gravador de voz. Ao re-ouvir estas notas em meu apartamento, percebi como a voz se transformou em outra mulher, uma personagem diferente de mim, um tipo de companheira. A voz também parecia metaforicamente representar como todos nós temos múltiplas personalidades e vozes. Eu vi essa mulher na história como sendo alienada de si mesma, mas procurando por si própria através da voz, atuando, criando falsos perigos e casos de amor, desejando ter sua própria história dramatizada. Ao mesmo tempo a voz que narra, aquela que fala em terceira pessoa a remove da história, a mantém a uma distância segura (Cardiff, 1999, p. 66, tradução nossa).⁸

A relação que se instaura com a tecnologia, com as novas mídias, é objeto de reflexão da artista. Cardiff comenta que muitas de suas histórias trazem como tema a dificuldade de comunicação. A relação com o dispositivo *walkman*, mídia utilizada para este *audiowalk* é percebida por Cardiff como “uma forma de ter relacionamentos substitutos” (Cardiff, 1999, p. 66, tradução nossa).⁹ E adiciona que este seria um modo de falar com alguém de maneira mais íntima, porém a uma distância segura: “É uma forma covarde, mas espero que minhas peças deem às pessoas uma sensação de conhecer um pouco alguém, mesmo que seja apenas com uma voz desconhecida, uma voz desaparecida” (Cardiff, 1999, p. 66, tradução nossa).¹⁰

Com duração de 50 minutos, *The Missing Voice (Case Study B)* é uma peça sonora para ser ouvida com fones de ouvido, gravada com áudio binaural, uma tecnologia que busca reproduzir a

⁶ Mesmo sem poder percorrer o percurso indicado por Cardiff na cidade de Londres, o acesso ao áudio de *The Missing Voice* possibilitou percepções e reflexões sobre a obra por esta autora, indicando a potência das sonoridades na geração das imagens e da dramaturgia.

⁷ “[...] a hybrid genre derived from popular science fiction, murder mysteries, thrillers and *film noir*”.

⁸ “Part of my process for this piece was to walk around and take notes on my mini voice recorder. While relistening to these notes in my apartment I realized how this voice became another woman, a different character from myself, a companion of sorts. Also this voice seemed metaphorically to represent how we all have multiple personalities and voices. I saw the woman in the story as being alienated from her own self, but searching for herself through this voice, play-acting, creating false dangers and love-affair, wanting her own story dramatized. At the same time her ‘voice over’ the one that speaks in the third person removes her from the story, keeps her at a safe distance.”

⁹ “[...] a way to have surrogate relationships.”

¹⁰ “It is a coward’s way but I hope that my pieces give people a sense of knowing someone a little, even if it is only with an unknown voice, a missing one.”

forma como humanos ouvem e captam as ondas sonoras pelos dois ouvidos. O áudio binaural coloca o ouvinte no centro da gravação, envolvendo o ouvinte e viabilizando a percepção da relação dos sons com o espaço, permitindo a captação dos sons como de fato ocorre pela audição humana, ou seja, a localização de onde vêm os sons, incluindo a diferença de tempo em que chegam ao ouvido esquerdo e ao direito. As percepções aqui descritas decorrem da apreciação da parte sonora, sem a possibilidade de percorrer os espaços sugeridos, o que provavelmente geraria outras percepções. Mas esta vivência restrita à escuta não pode ser considerada como menos rica ou menos estimulante, pois podemos perceber como as sonoridades têm a potencialidade para gerar espaços imaginários e como podem tornar também possível a realização de um percurso por estes espaços. A voz de Cardiff funciona como um guia e o ouvinte a segue. “Quero que você ande comigo, há algumas coisas que eu preciso te mostrar” (Cardiff, 1999, p. 3, tradução nossa)¹¹, convida Cardiff com uma voz que sugere intimidade, cumplicidade. A artista cria assim a ilusão de que estamos a sós com ela e sua voz soa como se fosse nos confidenciar algo, nos tornando parceiros da caminhada. Somos convidados a andar pelos espaços que a artista percorreu e ouvir os sons que gravou criando a ambientação e a narrativa. Enquanto experienciamos a realidade, vemos as cenas que criamos em nossa imaginação instigadas pela escuta do áudio. Ouvimos sua voz sussurrada, sua respiração ofegante, uma voz que nos guia pelo espaço, passos de outros e de Cardiff, voz masculina e sons do ambiente. É como se estivéssemos dentro de um filme, percorrendo o espaço e vivendo seu enredo: trechos de música, vozes, conversas perdidas na cidade. Conforme relatam os co-diretores Lingwood e Morris:

A autenticidade da ficção no trabalho de Janet Cardiff é surpreendente. A facilidade com que as camadas da narrativa e da trilha sonora se entrelaçam com o lugar pelo qual se caminha não é, porém, atingida facilmente. O processo exige um compromisso excepcional com a pesquisa, a escrita, a gravação e a edição (Lingwood; Morris in Cardiff, 1999, p. 67, tradução nossa).¹²

O enredo de *The Missing Voice* está centrado na descoberta de uma fotografia de uma mulher com cabelo vermelho que pode ter desaparecido ou mesmo ter sido assassinada. A voz de Janet Cardiff assume várias personagens: algumas vezes ela volta o tape na gravação e ouvimos de novo a frase que acabou de falar, gravação dentro da gravação, indicando claramente a mediação. Estimulado a se transformar em *performer*, o ouvinte realiza seu percurso a partir das instruções de Cardiff. O caminho tem início em uma biblioteca, quando Cardiff diz ao ouvinte para pegar determinado livro na estante e em seguida lê um trecho deste. As ações audíveis são intercaladas por reflexões e pensamentos, ditos em voz alta pela própria Cardiff. Assim, sua fala, executada por uma voz que sugere querer confidenciar algo, com característica introspectiva, nos lembra de que quando lemos algo é como se estivéssemos nos recordando de algo.

¹¹ “I want you to walk with me there are some things I need to show you”.

¹² “The authenticity of the fiction in Janet Cardiff’s work is astounding. The effortlessness with which the layers of the narrative and the soundtrack interweave with the place you are walking through is however not easily achieved. The process demands an exceptional commitment of research and writing, recording and editing”.

A relação com a tecnologia traz em si uma ambiguidade. Ao mesmo tempo em que é a tecnologia das novas mídias que possibilita aqui o processo criativo, esta é também percebida como uma forma de mediação que se coloca de forma ostensiva e que tende a substituir os relacionamentos pessoais. Em *The Missing Voice*, ouvimos a voz suave e tranquila de Cardiff nos convidando para andar com ela, dizendo que há algumas coisas que quer nos mostrar, e logo depois em um efeito de distanciamento ela nos lembra que essa voz nos chega pela mídia: “Comecei estas gravações como um meio de lembrar, de fazer a vida parecer mais real” (Cardiff, 1999, p. 3, tradução nossa).¹³

Com essa fala Cardiff traz uma constatação sobre a crescente onipresença das mídias digitais em nossa sociedade antecipando uma situação que nos dias atuais tornou-se ampla realidade, quando para muitos o contato com o mundo passou a se dar através de dispositivos, agora o celular, e a importância de contar suas vidas através das mídias tornou-se fundamental, como se apenas dessa forma suas existências se tornassem reais. Por outro lado, o uso destes recursos pode representar apenas uma outra forma de elaboração simbólica de eventos e acontecimentos, que de qualquer forma transcorrem muitas vezes no plano da imaginação. As fronteiras entre realidade e ficção, entre o real e o virtual, nem sempre identificáveis, tornam-se ainda mais tênues ao encontrar nas mídias contemporâneas o parceiro perfeito, que pode deixar estes limites mais turvos. De qualquer forma, a afirmação de Janet Cardiff indica a importância da mediação através das mídias para certificar uma realidade, que de fato, é em geral construída.

E Cardiff prossegue: “Não posso explicar, mas então a voz transformou-se em alguém diferente, em uma pessoa separada, pairando na minha frente como um fantasma” (Cardiff, 1999, p. 3, tradução nossa).¹⁴ Uma voz desincorporada, uma voz que escapa do corpo e que se multiplica gerando personagens e configurando os espaços pelos quais somos convidados a percorrer com a artista. Nas reflexões sobre a voz, esta é comumente percebida em relação à sua dimensão temporal, especialmente na sua interação com a linguagem, porém “da mesma forma a voz deve ser compreendida e conceitualizada como um evento no espaço” (Schrödl, 2004, p. 143, tradução nossa).¹⁵ No *audiowalk* de Cardiff o espaço acústico é desenhado pelas vozes e sonoridades com o auxílio da tecnologia. As vozes são capazes de gerar espaços e podemos visualizar os espaços através da escuta, o que significa que podemos vivenciar o percurso e a narrativa pelo registro sonoro, mesmo sem estar no espaço real. A possibilidade de estar no espaço real, quando se oferece, determina uma experiência única, capaz de reunir o real e o ficcional, as sonoridades gravadas previamente com as produzidas no espaço no momento em que se realiza o percurso – uma sobreposição de sonoridades, de realidades. Real e virtual entrelaçam-se num gênero artístico que, criado a partir da introdução dos meios tecnológicos de

¹³ “I started these recordings as a way to remember to make life seem more real”.

¹⁴ “I can’t explain it but then the voice became someone else a separate person hovering in front of me like a ghost”.

¹⁵ “Ebenso stark muss die Stimme allerdings als ein räumliches Ereignis begriffen und konzeptualisiert werden”.

registro e reprodução sonora, tem o poder de provocar a reflexão sobre este entrelaçamento tanto na arte contemporânea como na vida diária. A própria trilha sonora já se faz a partir da inclusão de sons diversos: sons gravados do meio ambiente, voz da narradora artista que descreve o percurso, voz que assume as personagens ficcionais, indicando que esta proposta artística resulta da intersecção entre real e ficcional, entre real e virtual, situação que se expande ainda mais quando este ambiente sonoro interage com o do ouvinte.

Em *The Missing Voice (Case Study B)*, as vozes de Janet Cardiff parecem tão próximas. Atingindo nossos corpos, tornam-se parte deles e nos transformam além de *performers*, em verdadeiros cúmplices de suas histórias e trajetórias. A estas impressões e estímulos não conseguimos nos esquivar facilmente. Essas vozes nos envolvem, trazem uma materialidade que parece real, mesmo sem poder estar nos locais e caminhar pelos percursos indicados. Visualizamos a biblioteca, o livro, o caminho, as personagens através dos sons ouvidos. Esta materialidade é de fato real no plano sonoro. A ausência dos corpos não diminui a presença destas vozes. Elas são o atestado da existência corpórea, ainda que só nos cheguem de forma mediatizada. Em *The Missing Voice (Case Study B)* de Janet Cardiff somos simultaneamente audiência e protagonistas. Ao mesmo tempo em que ocorre a quebra da mediação, quando passamos a agir e tomar parte na narrativa, a consciência em relação ao uso da mídia se intensifica e fica claro que o real e o virtual se fundem, produzindo uma nova realidade.

Outro aspecto interessante a ser considerado é o fato de que o *audiowalk* de Cardiff propõe um percurso desenhado em 1999, data da criação da obra, espaços estes que podem ser muito diferentes na atualidade, ou seja, na apreciação desta forma há que se considerar também uma possível e instigante sobreposição de tempos e espaços – do tempo em que o *audiowalk* foi criado e do tempo em que pode ser eventualmente experienciado ao vivo no percurso sugerido, do espaço originalmente descrito e do espaço que de fato pode ser percorrido. Veloso observa esta possível diferença entre o que é descrito do percurso original, ou seja, do momento em que Cardiff desenvolveu o *audiowalk* e o que eventualmente pode ser visto se formos percorrer atualmente este mesmo percurso, como “disjunção crescente”, e comenta: “Quando esse percurso foi criado, a cidade estava repleta de obras que já foram concluídas. Dessa forma, a experiência possibilita uma constatação do tempo que passou. A voz descreve uma cidade que já não há mais [...]” (Veloso, 2021, p. 274).

Alter Bahnhof Videowalk

Os procedimentos e estratégias desenvolvidos por Cardiff para a criação de *audiowalks* são de certa forma expandidos ao integrar novas mídias para registro e reprodução de imagens, gerando uma forma similar, mas que faz uso de vídeos - os *videowalks*. A experimentação com o desenvolvimento de *videowalks* tem início em 1999 com *In Real Time*, seguido por *The Telephone Call* (2001),

Conspiracy Theory (2003) e *Ghost Machine* (2005). Em 2012, Janet Cardiff e George Bures Miller apresentam o *Alter Bahnhof Videowalk* (*videowalk* Antiga Estação de Trem), como parte da programação da dOCUMENTA (13) – uma das mais importantes exposições de arte contemporânea internacional, que acontece em Kassel, na Alemanha, a cada cinco anos. A décima terceira edição da exposição foi realizada entre 9 de junho e 16 de setembro de 2012 sob o tema “colapso e recuperação”.

No site de Janet Cardiff e George Bures Miller¹⁶, com quem a artista tem desenvolvido seus projetos, há uma breve explicação sobre o que vem a ser um *videowalk*: “Em um *videowalk*, são fornecidos aos espectadores uma tela de vídeo que usam para seguir um filme gravado anteriormente ao longo do mesmo trajeto que estão percorrendo no presente”.¹⁷ Através de um curto excerto de 6 minutos do total de 26 minutos que compõem a duração do *videowalk Alter Bahnhof*, disponibilizado pela artista na internet,¹⁸ podemos ter uma ideia da experiência proposta. Vemos uma filmagem de alguém realizando o percurso guiado pela voz de Cardiff, alguém com o ipod nas mãos onde a filmagem pré-gravada tem início e leva o espectador a iniciar a experiência ao focar o espaço do hall da Estação de Trem da cidade de Kassel, na Alemanha. Na tela que exhibe o trajeto sugerido ouvem-se sonoridades pré-gravadas e imagens filmadas anteriormente são projetadas, de modo que há uma sobreposição de sonoridades e imagens que estão no filme gravado com o que ocorre no momento presente na estação. De fato, este momento presente também é para nós mediado pela filmagem disponibilizada na internet. O vídeo começa com a voz de Cardiff avisando que está sentada conosco na Estação de Trem de Kassel, vendo as pessoas passarem. O espectador é convidado a ver as pessoas passando, perceber se estão felizes ou tristes, ação que se desenrola nos dois planos – da gravação e do momento presente (também gravado já que é disponibilizado para nós na internet, ou seja, uma segunda mediação). Cardiff avisa: “esse vídeo será um experimento” (tradução nossa).¹⁹ Ao longe uma figura de casaco vermelho aparece no vídeo gravado e também no que seria o registro do momento presente, provavelmente uma personagem de Cardiff. Logo em seguida a artista comenta a banda que atravessa o hall na tela do ipod. Somos convidados a seguir esta banda e perceber que acontecimentos diferentes ocorrem no momento presente. “Memórias são uma diferente forma de viajar” (tradução nossa),²⁰ diz Cardiff. E passamos a ouvir um depoimento pré-gravado de um sobrevivente da guerra, enquanto Cardiff nos conduz a uma espécie de vitrine montada em um carrinho – um monumento dedicado aos judeus que foram deportados a partir desta estação na época da Segunda Guerra Mundial. Cardiff nos conduz então à plataforma por onde passam os trens e na tela do ipod nos indica ser ela de casaco branco a caminhar pela plataforma ao lado do trem que parte. Pouco depois a artista pergunta

¹⁶ <https://www.cardiffmiller.com/walks/> Acesso em 25 jun. 2025.

¹⁷ “In a video walk, viewers are provided with a video screen which they use to follow a film recorded in the past along the same route they are traversing in the present”.

¹⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sOkQE7m31Pw> . Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁹ “This video will be an experiment”.

²⁰ “Memories are a different form of travelling”.

como lidar com memórias que gostaríamos de esquecer. Trata-se apenas de um pequeno trecho, mas que oferece uma ideia de como a proposta do *audiowalk* ganha maior complexidade na forma *videowalk*, ampliando a possibilidade de sobreposições.

O *videowalk* de Cardiff estimula uma nova percepção para o espaço da estação de trem pelo qual as pessoas transitam muitas vezes sem perceber nem atentar para o que ocorre ao redor. Cardiff traz a questão da memória – a memória do que ocorreu anteriormente durante os registros sonoros e na filmagem deste espaço e que são exibidos na tela do ipod e também a memória de um tempo muito anterior em que a estação foi palco das deportações durante a guerra, uma memória que é trazida pela escuta de uma voz sobrevivente e pela visualização do monumento dedicado aos judeus enquanto a trajetória está sendo percorrida.

Novamente temos a questão da relação com as mídias. A onipresença das mídias na vida diária é aqui lembrada. Afinal, nos dias atuais, tornou-se comum pessoas caminharem pelas ruas com os olhos na tela de seus celulares, de forma que real e virtual tem se misturado no cotidiano e nos espaços públicos. Porém, a forma como Cardiff faz uso da tecnologia representa uma possibilidade de estimular novas percepções sobre os espaços, de intensificar a escuta para o que em geral pode passar despercebido. Algo que passou a ser usual no dia-a-dia nos espaços urbanos tem nas formas propostas por Cardiff a possibilidade de ressignificação.

Considerações Finais

Audiowalks e *Videowalks*, formas artísticas que intencionam levar o ouvinte e o espectador a percorrer um determinado trajeto, quando os registros sonoros e visuais pré-gravados são mixados ao que ocorre no espaço percorrido no momento da caminhada, podem nos conduzir a uma experiência de vivenciar estes espaços, mesmo quando não lá estamos, sobrepondo-se então espaços distintos. Mesmo em nossa imobilidade quando apreciamos os *audiowalks* e *videowalks* sem de fato percorrer fisicamente estes espaços, ao ouvir e ver, somos transportados para estes espaços pela narração e pelas sonoridades. As muitas vozes de Cardiff e as *personas* que cria em suas narrativas nos tocam, nos trazem novas percepções. Tempos e espaços originalmente separados se sobrepõem.

A potencialidade dos *audiowalks* tem sido reconhecida e a forma frequentemente incorporada a eventos e performances teatrais. Por estimular a interatividade, faz dos espectadores *performers* que participam ativamente das ações. Oferece-se também como um modo de ocupar espaços não tradicionais de encenação, uma forma a estimular novas percepções dos espaços públicos. Voltando ao meu desejo de flunar, de apreender os

espaços, sonoridades e vozes em percursos nos espaços urbanos, percebo o *audiowalk* como possibilidade de gerar um estranhamento, uma perspectiva estrangeira em meu próprio lugar, que facilita perceber o que ali está e que até então passou desapercibido.

Referências

ALTER BAHNHOF VIDEO WALK – Janet Cardiff & Georg Bures Miller.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sOkQE7m31Pw> . Acesso em: 25 jun. 2025.

CARDIFF, Janet. **The Missing Voice (Case Study B)**. London: Artangel, 1999.

JANET CARDIFF & GEROGE BURES MILLER WALKS – Disponível em <https://cardiffmiller.com/walks/> . Acesso em 28 jun. 2025.

SCHRÖDL, Jenny. Stimm(t)räume: Zu Audioinstallationen von Laurie Anderson und Janet Cardiff. In: KOLESCH, Doris; SCHRÖDL, Jenny. (Hg.) **Kunst-Stimmen**. Alemanha: Theater der Zeit, 2004. p. 143-160.

SCOTT, Kitty. I want you to walk with me. In: CARDIFF, Janet. **The Missing Voice (Case Study B)**. London: Artangel, 1999. p. 4-16.

THE MISSING VOICE (CASE STUDY B). Janet Cardiff. CD. London: Audio Services, 1999.

VELOSO, Verônica. **Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no contexto urbano**. Curitiba: Appris, 2021.